

Reabilitação Profissional:

a importância da inclusão social no Mundo do Trabalho

Camila Medeiros Pravato
Haber David Granato de Souza Dominato
Rita de Cássia Fernandes
Universidade Federal de Juiz de Fora

Índice

Introdução	2
1 Mundo do Trabalho / Reabilitação Profissional	8
2 A história da Reabilitação Profissional em Juiz de Fora	11
3 O Documentário/ o Blog	14
3.1 Pré Produção e pesquisa	14
3.2 Obstáculos para a “Equipe Mundo do Trabalho”	20
3.3 Produção do Blog	22
3.4 Edição do documentário	24
Conclusão	38
Bibliografia	40

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo registrar a história da Reabilitação Profissional do Instituto de Seguridade Social, em Juiz de Fora. Destacar os obstáculos e as conquistas de profissionais e segurados do programa. O documentário, assim como o blog são ferramentas importantes para construir e divulgar informação e conhecimento. Desta forma, é possível exercer o papel social do comunicador, e registrar a realidade de um sistema de trabalho que aliena, adoce e exclui e ainda analisar o papel do Estado diante deste sistema. Através da pesquisa e

levantamento de fontes, encontramos os personagens capazes de transmitir a informação a que propúnhamos e ilustrar a trajetória da Reabilitação na cidade.

Palavras-chave: reabilitação profissional, doença ocupacional, acidente do trabalho, mundo do trabalho, deficiente físico

Introdução

O PRESENTE PROJETO de conclusão de curso consta do documentário e do blog (www.reabilitacaoprofissional.blogspot.com) sobre a Reabilitação Profissional, RP, em Juiz de Fora. Intitulado "Mundo do Trabalho", o blog permite a interação entre profissionais, estudantes e trabalhadores interessados em conhecer mais sobre a questão da Reabilitação profissional na cidade. Nosso objetivo, por meio do projeto, é mostrar a história desse processo, seus obstáculos e suas conquistas, além de registrar a história do programa, o papel dos servidores e a trajetória dos segurados da Reabilitação Profissional.

A idéia de trabalhar com tal questão nasceu a partir da sugestão da Assistente Social Floriscena Maria Medeiros. Perto de sua aposentadoria, Floriscena pretendia documentar a memória do processo de Reabilitação Profissional em juiz de Fora. A assistente social sinalizava a necessidade de registrar a experiência de reinserir um segurado no mercado de trabalho, seu direito de ser reabilitado e como o resultado desse trabalho atinge a vida dessas pessoas.

Durante a especialização em "Cinema, Televisão e Mídias Digitais" na Universidade Federal de Juiz de Fora, a partir do módulo "Realização em Documentário", surgiu a possibilidade de registrar a história deste programa.

Destinado a profissionais das diversas áreas envolvidas no tema, como da saúde e ciências sociais aplicadas; segurados e familiares; estudantes e trabalhadores, o documentário é importante para construir e divulgar informação e conhecimento. A partir da documentação audiovisual é possível exercer o papel social do comunicador, e registrar a realidade. Dziga Vertov foi o primeiro teórico a desenvolver o conceito "cinema-verdade". Em "Um homem com uma câmara", Vertov utiliza-se do caráter documental para registrar a rotina da cidade e re-

velar o modo de vida soviético. Desta forma, é possível afirmar que a linguagem documental é um meio de retratar a realidade, mobilizar a sociedade e convidá-la para a reflexão sobre o meio em que vivem. A palavra “documentário” tem origem no verbo documentar, que por sua vez, deriva de documento. Segundo Marilena Chauí, esta vem do latim, *documentum*, que significa ensinar. Provas e fontes do passado são classificadas como documentos, fundamentos de uma história. Conforme a autora, a partir da “revolução documental”, entre os anos de 1960 e 1990, o conceito de documento foi ampliado para além do escrito, alcançando a memória oral, fotográfica, fílmica e etc.

O blog "Mundo do Trabalho" é uma ferramenta que auxilia na produção do documentário. Trata-se de uma página gratuita de anotações na internet aberta ao público, na qual é possível postar vídeos e fotos, além de receber comentários. Com a abertura de uma conta no *Google* (empresa desenvolvedora de serviços online), além de criar blogs no *Blogspot*, é possível participar de sites de relacionamento (*Orkut*) para trocar informações sobre a Reabilitação e fazer parte de comunidades relacionadas ao tema, disponibilizar vídeos na internet no canal *Youtube*, acompanhar as visitas ao blog pelo *Analytics*, entre outros serviços que o *Google* oferece. A ideia de utilizar a ferramenta veio da necessidade de oferecer uma resposta aos entrevistados quanto ao andamento do documentário. Através dele, é possível trocar informações com pessoas que trabalham na área, já trabalharam ou ainda, que passaram pelo processo de reabilitação.

Portanto, é importante não apenas divulgar para a sociedade, através do documentário o programa de Reabilitação Profissional, mas também, denunciar um sistema de trabalho que aliena, adoce e exclui e ainda analisar o papel do Estado diante deste sistema. Esse é o compromisso de cada um de nós da Equipe “Mundo do Trabalho” enquanto comunicadores, registrar e revelar para a sociedade a realidade em que vivemos.

Carta pessoal

***Camila Medeiros Pravato**

Sendo filha da Assistente Social do Instituto Nacional de Seguridade Social, INSS, Floriscena Maria Medeiros, eu, Camila Medeiros Pravato, cresci observando o trabalho da Reabilitação Profissional. Em

seu último ano de atividade profissional no instituto, completados 25 anos como reabilitadora, minha mãe expressou sua vontade de registrar o projeto que ainda é oferecido pela Previdência, mas que passou por vários processos de transformação. Entre eles, a Reforma da Gestão Pública. Implantada pelo ministro Luiz Carlos Bresser, a Reforma estabeleceu no serviço público o modelo de gestão da iniciativa privada, o que reduziu o papel do Estado em relação à garantia dos direitos sociais.

Segundo relato de minha mãe, estas mudanças dificultaram o trabalho dos reabilitadores, como por exemplo, ao encerrar os atendimentos na área psicofísica. Os segurados começaram a passar pelo processo de reabilitação sendo tratados pelo SUS, ou ainda por clínicas particulares, uma vez que o serviço de reabilitação profissional não oferecia mais a fisioterapia.

Como testemunha desta realidade da Reabilitação Profissional em Juiz de Fora, e conseqüentemente do descaso do governo com os trabalhadores, percebia a importância do papel social do jornalista em promover ao público acesso à informação e participação na mídia. Não abraçar a causa sugerida por minha mãe, seria deixar de exercer a principal função do comunicador: garantir o direito do cidadão à informação e através da crítica e análise da sociedade, aprimorar as relações humanas e sociais.

Quando o Professor Cristiano Rodrigues passou a tarefa de realizarmos um documentário sobre qualquer tema, vi ali a possibilidade de dar início a um projeto de resgate da história da Reabilitação Profissional. Sabendo que não teríamos tempo suficiente para concluir um trabalho que necessitaria de pesquisas e da disponibilidade da equipe e dos personagens, desde o princípio, coloquei a proposta de darmos continuidade ao documentário em nosso trabalho de conclusão de curso. Havíamos assumido um compromisso, não apenas com a minha mãe e com o professor Cristiano, mas com toda a equipe da Reabilitação Profissional do INSS, com segurados e com a nossa profissão, em fazermos um trabalho de qualidade, e, portanto, deveríamos honrá-lo.

*** Haber David Granato de Souza Dominato**

A disciplina “Realização em Documentário”, por si só, para mim, já foi uma grande surpresa. Digo isso porque, como estudante de uma pós-

graduação em TV, Cinema & Mídias Digitais, nunca chamaram minha atenção, as produções em vídeo-documentário e como “telespectador” sempre tive dificuldade em atentar-me numa produção com tal tipo de linguagem audiovisual. Para mim, fazer parte de um grupo que vê em documentários uma maneira intrigante e criativa, bem como envolvente, de se contar uma história era muito difícil, pois sempre achei narrativas lineares e ficcionais, mesmo que baseadas em fatos verídicos, mais atraídas.

Aí, depois, veio a segunda parte do desafio: o que vamos documentar? Nosso professor, Cris, pediu que entregássemos, ao término daquele mês, um documentário em vídeo de dez a quinze minutos de duração, no máximo; e a nossa colega, inclusive membro do grupo deste trabalho, Camila; trouxe a idéia de documentarmos o trabalho de sua mãe, Floriscena, dentro do INSS, no setor de Reabilitação Profissional. Mais tarde, com o tempo e, acima de tudo, com seu norte, o tema do nosso documentário foi ficando mais preciso e, por fim, decidimos apresentar para aquela disciplina, um documentário sobre a Reabilitação Profissional em Juiz de Fora.

Para mim, foi uma vitória e um momento de superação, ter chegado ao final deste curso com o propósito de realizar, na disciplina “Trabalho de Conclusão de Curso”, um documentário sobre a Reabilitação Profissional. Primeiro porque, como disse, no começo deste texto, a linguagem documental nunca teve por mim muita contemplação e, com isso, nunca encheu meus olhos. Em segundo, porque até então, a única coisa que, eu, Haber, conhecia sobre o tema “Reabilitação” era ligado a dependentes químicos ou então ao trabalho de pessoas – trabalho não, esforço, melhor dizendo – que gostariam muito de retomar parte dos movimentos de seus membros, ou se readaptarem a uma nova condição, por motivos pessoais mesmo, não necessariamente profissionais ou vinculados ao trabalho. Eu ouvia sim, muito inclusive, em aposentadoria por invalidez; mas que havia um setor público que era responsável por reinserir, no mercado de trabalho, pessoas que tinham vontade de trabalhar e até mesmo precisavam, só que não podiam mais, por conta de uma limitação física, eu não sabia.

Agora, por que decidi abraçar o mencionado tema, afinal? Acredito que vocês devem estar se fazendo esse questionamento, correto? Afirmo ter sido as pessoas. E, quando digo “as pessoas”, não me refiro apenas

aos nossos personagens, que são profissionais que trabalharam ou trabalham com a Reabilitação ou até mesmo os segurados que vêm no trabalho daquelas pessoas a razão para seguirem sonhando e atuando em suas vidas, mas também as pessoas que estiveram ali, ao meu lado, na “lida”: filmando, escrevendo, editando, decupando, palpitando e se envolvendo cada vez mais, como eu.

Foi por causa delas que me apaixonei pelo assunto do nosso projeto, a ponto de pegar um pequeno documentário em vídeo apresentado para, especificamente, uma disciplina da pós-graduação, envolver-me com as histórias daquelas pessoas que deram seus depoimentos ali e decidir dar um “upgrade” naquele videozinho de dez a quinze minutinhos sobre o tema e transformá-lo num documentário maior, digno de uma apresentação de um Trabalho de Conclusão de Curso, de uma pós-graduação em TV, Cinema & Mídias Digitais da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Resumindo, estou trabalhando neste projeto porque fui hipnotizado, a ponto de meus olhos brilharem, pela dedicação e empenho dos meus colegas, da Floriscena e de todos os outros envolvidos no trabalho, por de trás, à frente ou diante das câmeras.

***Rita Fernandes**

A proposta de transmitir a história de um reabilitado surgiu através de uma assistente social envolvida nesse processo: Floriscena Medeiros, hoje aposentada, viveu intensamente sua profissão e desejava registrar na história da cidade, a Reabilitação Profissional (1977) divulgando assim a importância do seu trabalho. O envolvimento de Floriscena com os profissionais e reabilitados, facilitou na construção da produção do documentário. Fisioterapeutas, médicos reabilitados, segurados, foram solícitos na construção do tema e incentivaram a proposta de trabalho. Mas como envolver a pós graduação de Cinema TV e Mídia Digitais nesse tema tão direcionado à saúde? Simples: Divulgação de uma História.

É o que resolvemos fazer. O convencimento de registrar tal tema foi incentivado pela filha de Floriscena, Camila Pravato, minha amiga que levou a idéia para a equipe em sala de aula, no módulo do professor Cristiano Rodrigues, que propôs à classe produzir um documentário.

Apesar da insegurança do grupo em apresentar algo muito direcionado ao institucional, o primeiro desafio, foi começar a descobrir por onde iríamos começar, já que o tema não tinha muita informação publicada.

A construção desse assunto seria criada praticamente por nós. Pensei em desistir, pois aconteceram muitas mudanças comigo. No início das atividades da construção do documentário, eu já estava trabalhando como assessora de imprensa no Procon, sendo difícil acompanhar as entrevistas com a equipe. Cheguei a participar da construção de algumas pautas e tive contato com poucos profissionais, mas a situação ainda ficou mais difícil. Tive que mudar de secretaria e fui parar na Defesa Civil, e com isso ficou ainda mais complicado reunir com a equipe direcionada ao módulo do Cris, restando ficar responsável pela edição.

Tarefa nada fácil, já que as informações dependiam também de uma pessoa que estivesse acompanhado as entrevistas. Com isso veio o desânimo de alguns companheiros da equipe. A opção de continuarmos com esse documentário partiu de uma conversa minha com a Camila que apoiou a idéia de dar continuidade ao trabalho em um TCC. Como o tema era muito interessante apesar do trabalho grande que iria nos dar, resolvi continuar, devido ao desafio, mas principalmente por causa de uma frase dita pela Floriscena, lá no início das atividades com o grupo: “Para fazer e falar deste trabalho, os olhos de vocês devem brilhar como os meus”. Com isso, fui envolvida pelo Reabilitar, mesmo sem saber a história, como surgiu, lá no início me havia motivado muito e por que desistir?

Com a idéia apoiada em dois componentes, Camila e Haber, eu sugeri a criação de um Blog, já que a equipe não tinha por onde começar a registrar nossas informações. Com a criação do Blog, o grupo encontrou uma maneira de “dar voz” aos profissionais ligados a Reabilitação de Juiz de Fora que tiveram interesse, e de outras cidades com o incentivo de facilitar a comunicação entre os profissionais e reabilitados, mas principalmente de termos um espaço para publicarmos nossas idéias e projetos.

Com o Blog aliado a divulgação do tema e também nossa profissão, ficou mais prático visualizar nossas propostas, apesar da correria da equipe. O Blog foi e está sendo uma iniciativa que futuramente poderá nos proporcionar várias conquistas. Com a dimensão e velocidade da tecnologia o Blog já chegou ao Japão, confirmando que mesmo

sem uma atualização semanal, o Mundo do Trabalho está conseguindo alcançar os seus objetivos ter a história da Reabilitação da cidade registrada.

1 Mundo do Trabalho / Reabilitação Profissional

Ao longo dos anos, desde os primórdios, o conceito de trabalho sofreu e ainda sofre alterações constantes. O trabalho que para o homem primitivo era a forma de sobrevivência, por meio da caça, da pesca e do desenvolvimento de ferramentas, do Egito à Grécia e ao Império Romano, passou a ser considerado sinal de pobreza, desprezo, inferioridade e opressão, uma vez que era papel dos escravos e servos.

Com a evolução das sociedades trabalho passou a ser sinônimo de realização pessoal, social e dignificação humana. O dicionário Aurélio define trabalho como atividade de caráter físico e/ou intelectual necessária à relação de qualquer tarefa, serviço ou empreendimento. De acordo com o sociólogo Paulo Roberto Leal, em entrevista à Equipe Mundo do Trabalho para o documentário, atualmente, em algumas sociedades, trabalhar garante ao cidadão uma percepção de utilidade social.

No entanto, o mesmo trabalho que dignifica o homem, também pode oferecer risco de acidente ou adoecimento pelo esforço físico e psicológico repetitivo. As condições de trabalho oferecidas pelas empresas nem sempre são as melhores. De acordo com as concepções de Émile Durkheim em “Da divisão do trabalho social”, as funções muito repetitivas e pouco racionais reduzem o papel do trabalhador na produção e seu empenho no processo e na organização do trabalho. Para Durkheim, é através desta divisão que os indivíduos percebem o quanto são dependentes uns dos outros. Os modelos capitalistas de produção em massa como o taylorismo e fordismo sugam o trabalhador ao controlar o tempo gasto por produção para que a tarefa seja realizada no menor prazo. Tais modelos impõem ao trabalhador o que é melhor e mais lucrativo para a empresa, não levando em consideração a saúde física e mental do mesmo e expondo-o ao risco de acidentes.

Iniciada durante a Primeira Guerra Mundial, a Reabilitação Profissional surgiu com o objetivo de reinserir os acidentados na produção. Desta forma, pretendia-se aproveitar os soldados feridos, em tarefas

mais brandas, e não deixá-los inativos. Cobrir-se-ia então o desfalque resultante de mortos e feridos, a partir da criação de um reservatório de mão-de-obra reabilitada. O processo de reabilitação foi chamado de “terceira fase da medicina”, que vinha logo após a prevenção e o tratamento.

Já na Segunda Guerra Mundial, os trabalhadores fisicamente capazes foram absorvidos nos contingentes militares. Com isso, as indústrias não tiveram outra saída senão incorporar mão-de-obra acidentada à sua força de trabalho. Aqueles que até então representavam um peso para o governo, uma vez que não produziam e recebiam subvenção, passaram a ser trabalhadores da ativa. O governo criou agências para reabilitar civis e militares.

Segundo informações constantes no Trabalho de Estágio de campo, de 1978, realizados por alunas da Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, a primeira tentativa de incluir a Reabilitação na legislação brasileira ocorreu em 1944. Em 1959, surgiram os departamentos dos Institutos de Aposentadorias e Pensões – IAPs que pretendiam reduzir o número de pessoas que aposentavam antes do tempo, por incapacidade em decorrência de acidente de trabalho. No entanto, o seguro de acidentes de trabalho era de responsabilidade das empresas privadas, que não tinham interesse naquela mudança. De acordo com Myrian Matsuo, no livro “Acidentado do trabalho: reabilitação ou exclusão?”, no Brasil, os primeiros serviços de Reabilitação Profissional surgiram na segunda metade do século XX em entidades beneficentes para deficientes, hospitais gerais e psiquiátricos, institutos da Previdência Social, porém como experiências isoladas. No Serviço Social de Indústrias, SESI, a reabilitação física e profissional, existia em caráter assistencialista. Criados nas décadas de 60 e 70, os primeiros Centros de Reabilitação Profissional possuíam uma equipe multiprofissional, com possibilidade de reabilitação física através de fisioterapias, atendimento psicológico, avaliação médica e pedagógica, entre outros para os segurados.

O Ministério da Previdência e Assistência Social na Portaria Ministerial nº8, de 21 de março de 1978, define a Reabilitação como “desenvolvimento da programação terapêutica específica de natureza médico-psicossocial”. De acordo com a portaria, a Reabilitação deve possibilitar ao segurado alcançar independência física para o exercício de

atividades laborais, escolares e diárias, conforme seu quadro clínico e idade.

No entanto, o autor do livro “Deficiência Física: a sociedade brasileira cria, recupera e discrimina”, Apolônio Abadio do Carmo, afirma que no Brasil, poucos centros de Reabilitação são equipados e preparados para atender à demanda de segurados em todas as fases do processo, priorizando em alguns casos, somente o atendimento médico:

Grande parte dos hospitais conveniados ou clínicas particulares limita-se à reabilitação médica, restabelecendo praticamente as funções biológicas do indivíduo. Esta constatação permite inferir que nem sempre as metas mínimas previstas no processo de reabilitação pelo Ministério da Previdência e Assistência Social estão sendo observadas e cumpridas. (CARMO, 1991, 83)

Conforme a Legislação Previdenciária, acidente do trabalho ocorre pelo exercício do trabalho, a serviço da empresa. No entanto, a reabilitação do acidentado depende da participação de outras instituições, entre elas, o Estado, a comunidade, sindicatos, o próprio trabalhador e principalmente a família e a empresa, que devem estar preparadas para acolher o reabilitado.

De acordo com Christophe Dejours, o sofrimento do trabalhador é acrescido de processos que se desenrolam fora da empresa, no espaço doméstico e na economia familiar do trabalhador. Para o autor, o operário despersonalizado no trabalho, permanecerá despersonalizado em sua casa. Um operário que sofre um acidente ou uma doença crônica que o invalida, recebe compensações materiais ou benefícios insuficientes para assegurar a sobrevivência da família. Desta forma, a própria falta de trabalho torna-se, em alguns casos, sinônimo de doença. Visto que o trabalho é a atividade relativa à subsistência humana, e, conforme as concepções marxistas, ele é a base da organização da sociedade, e a atividade significativa na constituição dos próprios sujeitos. Dentre os conceitos estabelecidos por Dejours, trabalho é definido como o quadro social de obrigações e limitações, situado no contexto econômico, social e de utilidade técnica. É a atividade coordenada útil. Portanto, é comum aquele que está incapacitado para o trabalho sentir-se inútil e frustrado. Para os autores Silmara Cimbalista e Rafael Raffaelli,

no artigo Trabalho e Personalidade, é no trabalho que o ser humano encontra sua razão de viver:

A expressão “força de trabalho” sempre foi utilizada como sinônimo da utilidade do ser humano, seu antônimo leva o trabalhador ao sentimento de inapto, um ‘peso morto’ para sua família e para a sociedade. (CIMBALISTA - RAFAEL-LI. 2003, 3)

A Reabilitação Profissional é uma política obrigatória da Previdência Social. Todo trabalhador tem direito. É um serviço público que deve oferecer meios de reeducação ou readaptação social e profissional aos segurados incapacitados para o trabalho, seja por motivo de doença ou acidente. A Previdência Social deve fornecer recursos materiais necessários à Reabilitação Profissional, entre eles próteses, órteses, cursos profissionalizantes, instrumentos de trabalho, implementos profissionais e auxílios transportes e alimentação.

Assim como os demais benefícios previdenciários, o processo de Reabilitação é um serviço prestado pelo Instituto Nacional de Seguro Social, em conformidade com a Lei de benefícios nº 8.213 de 24 de julho de 1991. Este se estrutura através de suas gerências executivas. Dedicamo-nos neste trabalho a registrar a história da Reabilitação Profissional da Gerência Executiva do INSS em Juiz de Fora, buscando dar visibilidade à importância deste serviço e os impactos das reformas implementadas no âmbito do Governo Federal.

2 A história da Reabilitação Profissional em Juiz de Fora

O Centro de Reabilitação Profissional de Juiz de Fora (CRP) foi fundado em 29 de setembro 1977. De acordo com Trabalho de Estágio de Campo apresentado, em 1978, à Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, devido ao desenvolvimento industrial, comercial e populacional de Juiz de Fora, o município recebeu o segundo Centro de Reabilitação de Minas Gerais.

Na época, era constituído de quatro equipes técnicas, ginásio de fisioterapia, terapia ocupacional, oficina de marcenaria, setor de ensino

básico, serviço de pesquisa de mercado de trabalho. Tinha capacidade para atender em média 60 segurados por dia. As equipes básicas eram formadas por médico e assistente social, que contavam com o suporte técnico de enfermeiras, psicólogas, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais e técnicos em assuntos educacionais.

Com o objetivo de oferecer crescimento profissional da Equipe Técnica, foi criado no CRP de Juiz de Fora o Centro de Estudos e Pesquisa (CEP), que oferecia intercâmbio técnico-científico aos profissionais da instituição.

O serviço de pesquisa de mercado de trabalho, além do suporte administrativo, contava com agentes de colocação, sociólogos e psicólogos. Para atender aos projetos profissionais havia ainda uma estrutura administrativa e de logística, além de veículos para o transporte dos segurados que necessitassem.

Inspirada no modelo europeu pós guerra, a estrutura era de atendimento centralizado, o que obrigava os segurados a se deslocarem de grandes distância para cumprir programa em Juiz de Fora. Tinha autonomia de gestão em relação à Agência do INPS (Instituto Nacional de Previdência Social), cujo modelo era também distinto da atual Gerência Executiva do INSS (Instituto nacional de Serviço Social). Apenas as atividades de marcenaria eram realizadas por professor de ofício cedido pela prefeitura através de convênio. O CRP era administrado por diretor, assessorado por coordenadores técnicos das equipes.

No entanto, esse modelo foi modificado através de portarias que culminariam em 1995 com o encerramentos dos atendimentos na área psicofísica, quando teve início no Brasil, a reforma da gestão pública. Implantado pelo ministro Luiz Carlos Bresser, o Plano Diretor de Reforma do Aparelho do Estado estabeleceu no serviço público o modelo de gestão gerencial da iniciativa privada. Com o objetivo de reduzir os custos dos programas sociais, o papel do Estado foi minimizado em relação à garantia dos direitos sociais e maximizado em relação ao mercado.

Com a municipalização da saúde, a equipe da Reabilitação Profissional iniciou gestões junto ao município e às divisões nacional e estadual, visando, a exemplo do trabalho desenvolvido em Santos, São Paulo, firmar um termo de cooperação técnica com a Prefeitura de Juiz de Fora que preservasse as condições de atendimento psicofísico, apro-

veitando os recusos e equipamentos disponíveis no, então, CRP. Contudo, tal cooperação técnica não foi efetivada, e o fracasso da iniciativa trouxe significativo prejuízo para o programa reabilitatório, posto que reabilitação psicofísica e sócio-profissional são interfaces de um mesmo processo.

O Projeto Reabilita foi criado em 2000, com o a descentralização do atendimento para as agências sem que estas contassem com infraestrutura e cultura institucional adequadas para incorporar o serviço. A partir de então, a Reabilitação Profissional foi destituída de sede própria, e já com o nome de Unidade Técnica de Referência de Reabilitação Profissional, foi transferida para a sede da GEX, o que modificou a estrutura de atendimento anterior. A integração à GEX se deu com a perda da autonomia técnica, orçamentária e financeira e por fim, criou-se a figura do generalista, o orientador profissional, cargo a ser ocupado por qualquer profissional de nível superior, em detrimento da intervenção interdisciplinar. O esforço de transformar a pesquisa de fixação no mercado de trabalho, minimamente num banco de dados que permitisse, não só do ponto de vista do atendimento pontual reorientar a casuística, mas também subsidiar a revisão de procedimentos, mapear necessidades, incidências de patologias, resolutividade do atendimento, não foi levado a termo, sendo reduzido a mero procedimento cadastral.

No entanto, obteve-se sucesso na implementação de parceria com a Faculdade de Serviço Social. Esta encampou o projeto dos técnicos da RP “Ações Coletivas de Reabilitação Profissional”, a partir do qual buscou-se o enfoque no processo de adoecimento coletivo, dadas as nefastas condições de trabalho a que estavam expostos os trabalhadores antes de seu encaminhamento à Reabilitação Profissional. O projeto assegurava o caráter imperitavo de alimentar ações preventivas. Esta parceria teve duração de cerca de 8 anos, sendo encerrado por parte da gerência local no ano de 2006, quando se acirraram no novo modelo de gestão, as medidas de cunho gerencialista de redução do quadro de servidores, restrições financeiras e orçamentárias na concessão de auxílios materiais (auxílio transporte, cursos, órteses e próteses), além da descentralização do serviço, a despeito do reduzido quadro de servidores. O campo de estágio foi fechado, a interlocução com a Faculdade de Serviço Social interrompida, e os convênios com empresas passaram a ser firmados na estrita lógica do atendimento pontual. A parceria com

a Prefeitura também sofreu alteração com a desativação da marcenaria, e a criação do setor pedagógico sob supervisão inicialmente de uma TAE (Técnica Administrativa em Educação) e cessão pela prefeitura de uma pedagoga. O projeto trata da avaliação e atendimento psicopedagógico para os segurados. Não obstante, face a necessidade de atualização e rigor teórico-metodológico no desenvolvimento das práticas pedagógicas a parceria se ampliou envolvendo através de projeto de extensão, a participação da Faculdade de Educação da UFJF.

Para registrar essas mudanças ocorridas no cenário da Reabilitação Profissional em Juiz de Fora, e mostrar a atual realidade do programa e de um sistema de trabalho que adoce, aliena exclui, nos empenhamos em produzir um documentário e um blog sobre o tema.

3 O Documentário/ o Blog

Enquanto profissionais da Comunicação Social, ao nos depararmos com uma informação de importância social relevante, mas pouco conhecida, percebemos a necessidade de divulgar o programa de Reabilitação Profissional e promovermos o debate sobre a questão na cidade. Através da internet, poderíamos também alcançar outras regiões, o que possibilitaria a discussão em maior amplitude.

Optamos, então, em registrar por meio do documentário, o histórico do processo reabilitatório. E para dialogar com profissionais e trabalhadores que necessitam passar pelo programa, ou que já passaram, nasceu o blog Mundo do Trabalho.

Sabíamos que somente através da pesquisa, apuração, troca de informação, levantamento de fontes, contribuição de profissionais, contatos e dedicação da equipe, seria possível atingir nosso objetivo: apresentar não apenas a realidade do brasileiro que foi afastado de sua função no trabalho, mas valorizar também as pessoas que buscam mostrar para este indivíduo que é possível continuar tendo uma vida digna.

3.1 Pré Produção e pesquisa

Para conhecer a realidade da Reabilitação Profissional em Juiz de Fora, a equipe se reuniu com duas assistentes sociais que ingressaram no INSS em 1984, Floriscena Maria Medeiros e Ana Amélia Dato Tei-

xeira. Elas contaram a história do trabalho e apontaram a necessidade de registrar o programa que é pouco conhecido e que ao longo de sua existência, sofreu transformações. Segundo as profissionais, é preciso resgatar a memória do Centro de Reabilitação Profissional da cidade para que o trabalho realizado pelo mesmo seja valorizado pelos atuais e futuros profissionais do INSS.

As assistentes sociais contaram suas experiências com os segurados, as dificuldades na reinserção dos mesmos no mercado de trabalho e falaram sobre os episódios que tiveram sucesso. Encontramos, naquela reunião, as nossas personagens. Fizemos um apanhado das histórias e avaliamos quais seriam e de que forma abordaríamos cada uma delas. Começamos a elaborar, naquele dia, a primeira proposta de roteiro para o documentário.

Naquela ocasião, a equipe era formada por cinco componentes: Camila Medeiros Pravato, Danilo Egle, Haber David Dominato, Rita de Cássia Fernandes e Sérgio Murilo Lopes.

A equipe estava dividida em fazer um trabalho que servisse simplesmente para ser entregue, dentro de um mês, ao professor Cristiano Rodrigues, como requisito da disciplina Realização em Documentário, e a de verdadeiramente contar e registrar a história do processo de Reabilitação vivida e praticada por profissionais e especialistas, e mostrar a importância deste programa para o trabalhador brasileiro.

Com isso não conseguimos organizar completamente o roteiro naquele dia, restando iniciarmos as construções das pautas e agendamentos dos profissionais para as entrevistas. Para isso a equipe dividiu o pouco de material que tinha disponível e começaram-se os contatos. Rita na construção das perguntas, e sugestões de profissionais, Camila na função de fazer as pautas, os agendamentos, e selecionar os locais de gravação com os personagens, Haber direcionando as entrevistas com os profissionais, intercalando com Camila, e Danilo responsável pelo equipamento e gravação.

Fomos apresentados às seguintes histórias:

Personagem / Segurado	História
Antônio Henrique	Cumpriu programa na década de 80, fez fisioterapia e terapia ocupacional, reabilitado para área administrativa. Motivo: impotência funcional de membro superior direito.
Edilsom	Cumpriu programa final de 89/ início de 90, fez fisioterapia, foi concedida prótese, fez treinamento, acompanhamento com psicóloga e assistente social, fez cursos e treinamento, foi desligado como auxiliar administrativo, desde então exerceu outras funções (cobrador, taxista), atualmente concluiu curso de técnico em segurança e está tentando reserva de vagas para Pessoa Portadora de Deficiência. Motivo: amputação de membro inferior (na época tinha 14 anos).
Jussara	Era auxiliar de escritório (tesouraria de farmácia), empresa ofereceu função de balconista com atribuição de limpeza da loja e banheiros, considerada incompatível, optou por técnico em radiologia, também incompatível, foi direcionada para técnico em nutrição devido ao interesse pela área, fez curso, treinamento e foi contratada pelo SESI. Motivo: Tendinite ocupacional.
Giovane	Empregado de fábrica de móveis. Fez fisioterapia, terapia ocupacional, curso de projetista de móveis, treinamento em empresa sendo contratado por ela, hoje é empresário no ramo de loja de móveis planejados. Motivo: amputação de dedos da mão direita.
Rogério	Auxiliar de serviços gerais. Fez cursos por iniciativa própria, encaminhado à RP, fez treinamento na CJP, e curso complementar, foi contratado pela empresa, e paralelamente tem firma de segurança de eventos. Motivo: sequela grave de fratura de membro superior esquerdo.

Personagem / Segurado	História
Flávia	Costureira. Fez curso de técnico em enfermagem, incompatível com suas restrições. Foi redirecionada para técnico em enfermagem do trabalho, com treinamento na empresa de vínculo, onde permanece. Motivo: tendinite ocupacional.
Elizabeth	Costureira, readaptada para setor de dobras, permanece empregada, tinha ensino fundamental incompleto, está concluindo ensino médio. Motivo: tendinite ocupacional.

Tínhamos que decidir quantos e quais seriam os personagens segurados e reabilitados. Optamos por escolher um personagem reabilitado e outro em processo de reabilitação, além de profissionais do instituto e relacionados ao mundo do trabalho. As histórias que achamos mais instigantes para o documentário foram as da Flávia e da Elizabeth. Elas trabalhavam na mesma empresa, a qual desenvolveu um projeto ergonômico para prevenir novos adoecimentos, após iniciativas da RP junto ao Ministério do Trabalho e Emprego e Ministério Público do Trabalho. Tentamos entrar em contato com elas, mas as profissionais não faziam mais parte do quadro de servidores da empresa.

Por indicação da Ana Amélia, marcamos então com o Giovane. Achamos interessante abordarmos a evolução do servidor no mercado de trabalho. De funcionário, Giovane passou para empresário da loja de móveis. Preparamos a pauta, mas o equipamento não estaria liberado no horário compatível com a disponibilidade do entrevistado. Tivemos que cancelar a gravação daquele dia e não conseguimos mais agendar uma nova data com o segurado.

Como o tempo estava no limite, tivemos que reformular nosso roteiro. Passamos a construir o documentário de acordo com os personagens encontrados. Tivemos que escolher apenas um depoimento de segurado, mas não conseguíamos entrar em contato com nenhum. Enquanto isso, nós decidimos gravar entrevista com as profissionais da Reabilitação, da ativa, Ana Amélia, Fátima, Rosângela e Gisele e as aposentadas Angela e Lourdes. Para contextualizar o período da reforma da gestão pública

implantada por Bresser Pereira, a equipe de produção do documentário, decidiu entrevistar o professor e sociólogo Paulo Roberto Leal.

Iniciamos as gravações, sendo a Fátima a primeira a participar do grupo de profissionais entrevistados, gravamos em seguida com a Rosângela, Gisele e Ana Amélia. Com a Ana Amélia, fizemos duas gravações: uma, na sua própria casa e a outra no trabalho. Nossa primeira proposta era acompanhar a rotina de uma profissional da Reabilitação, em casa e no trabalho. Depois da primeira reunião com a Assistente Social, decidimos que ela seria a profissional protagonista do documentário. Havíamos elaborado duas pautas para a personagem, uma para cada entrevista, e faríamos imagens de Ana Amélia enquanto mãe e dona de casa e enquanto Assistente Social. Infelizmente não foi possível dar continuidade à proposta. As entrevistas foram feitas às pressas. Ana Amélia estava com o pai internado em estado grave no hospital, e não teria muita disponibilidade para atender à equipe. A primeira entrevista, no trabalho não havia sido agendada para aquela ocasião, aproveitamos que já estávamos no local, entrevistando outras profissionais, e ela estava disponível naquele momento. Estávamos com a pauta em mãos e pedimos para gravar. Ana Amélia, imediatamente, se prontificou a nos responder e agendou a próxima gravação em sua casa.

Não ter um personagem reabilitado era nossa maior preocupação. Era fundamental ter o olhar de quem viveu o processo e teve sua vida modificada por ele.

Telcy é uma das reabilitadas do quadro de pacientes de Floriscena que por coincidência encontrou a personagem durante um dia de rotina de seu trabalho. Foi a Assistente Social que fez o convite e a divulgação para Telcy participar do documentário. A equipe entrevistou a primeira reabilitada, já que ela oferecia todos os requisitos para participar do histórico da RP, além da disponibilidade.

A primeira edição contou com a participação dos alunos que tiveram menos disponibilidade para acompanhar as gravações durante a semana, Rita e Sérgio, além do Danilo, que tinha o equipamento para editarmos o material. Estouramos o prazo de entrega e a primeira cobrança do professor Cristiano chegou. O módulo já havia sido encerrado e com isso teríamos que entregar do jeito que conseguíssemos finalizar. O resultado foi um material rico, porém, sem um convite para o conhecimento

histórico do processo reabilitatório, o que deixou a própria equipe decepcionada.

A idéia de apresentar a história do CRP na cidade continuou. Nasceu a Equipe Mundo do Trabalho, com os integrantes Camila, Haber e Rita. A equipe precisaria de uma ferramenta para fazer contato com os profissionais de outras cidades, além de Juiz de Fora, e divulgar o trabalho. Surgiu, então, a proposta de criarmos um blog. Os profissionais já sinalizavam que não havia um mecanismo de comunicação que divulgasse o processo de Reabilitação e interagisse com outros especialistas da área.

Percebemos a necessidade de criar um nome para o blog e optamos por “Mundo do Trabalho: Reabilitação Profissional”. A primeira postagem tinha como objetivo descrever como seria o documentário e apresentar os personagens que já haviam sido entrevistados. Desta forma, mostrávamos para os profissionais que continuávamos envolvidos com a produção do vídeo.

Não tínhamos muito conhecimento sobre a construção desta página virtual e tivemos que pesquisar. Escolhemos o Blogger por ser uma ferramenta gratuita. Criamos um blog de teste para experimentarmos os recursos oferecidos pelo *blogspot* e posteriormente iniciamos a divulgação do documentário em www.reabilitacaoprofissional.blogspot.com.

Não podemos negar a presença de Floriscena como idealizadora do projeto. Ela conseguiu envolver muitos profissionais e reduzir a distância entre estes e a equipe.

As pautas direcionadas ao blog estavam enlaçadas ao documentário, e com isso trouxe a participação de profissionais de outros lugares. Foi através do blog que descobrimos que seria possível divulgar o Processo Reabilitatório não só no país, e saber que o mesmo tema gera interesse também em outros lugares.

Claro que com as sugestões positivas vieram as dificuldades: a atualização do blog em curto tempo foi um dos maiores desafios. Já que a equipe tinha apenas os finais de semana, principalmente os domingos para produzir algo para postar.

Temas direcionados a Reabilitação, a vida atual dos reabilitados com que estão envolvidos, e até mesmo datas comemorativas fazem parte do blog. Como a dificuldade da atualização estava aliada a falta de tempo da equipe, o blog não disponibilizava de muitos comentários,

mas alguns foram muito importantes. Percebemos que o blog estava sendo aceito, acessado e era referência quando o assunto era a Reabilitação Profissional em Juiz de Fora, chegando a ser citado em palestra sobre o tema.

Os trabalhos de gravações do documentário continuavam mesmo com a dificuldade em conseguir equipamento. Tivemos que recorrer à câmara da Casa de Cultura, mesmo com a bateria da câmara com problemas. Como o Danilo já não estava mais na equipe, precisávamos de um novo cinegrafista, que estivesse disposto a mergulhar no Mundo do Trabalho conosco. Conseguimos os contatos de um ex-aluno da UFJF, Davi Ferreira. A equipe marcou um horário com o profissional, que teria disponibilidade para trabalhar.

Agendamos os locais e horários da segunda etapa de gravação, que contou com a participação dos personagens Adriana, Mário César, Sônia e Dr. Silas. O trabalho foi efetuado na clínica da Ângela, que participou da primeira tomada das gravações, e colocou-se à disposição da equipe.

Ainda faltava o Ministério Público do Trabalho. Tivemos alguns imprevistos, como férias dos servidores envolvidos no assunto, a não aceitação em participar do trabalho, a greve e também a falta de equipamento, que foram os principais desafios que a equipe vivenciou. Com essas situações, veio também a dificuldade em conseguir agendar as imagens de apoio, já que perdemos uma das reabilitadas envolvidas no documentário. Adriana faleceu em dezembro no ano passado, em 2009 e a não poderíamos registrar as imagens dela na escola.

A partir deste episódio, a equipe resolveu trabalhar todos os dias em cima do tema Reabilitação. A equipe entrou em contato com o orientador Cristiano, que pediu um agendamento para o término das gravações.

Com a insistência da equipe em inserir o Ministério do Trabalho como uma resposta aos reabilitados pautado na lei, conseguimos agendar com um dos funcionários da instituição, José Tadeu.

3.2 Obstáculos para a “Equipe Mundo do Trabalho”

Ao longo da produção do documentário enfrentamos vários obstáculos, desde empecilhos técnicos a acontecimentos inesperados que abalaram

a equipe, além das dificuldades em falar com as fontes e dos problemas pessoais das mesmas.

Trabalhamos sem utilização de spots, usamos, em algumas gravações um spot improvisado com um abajur e uma lâmpada amarela, doméstica, mas na maioria das gravações, contávamos apenas com a luz ambiente. Utilizamos a câmera cedida pela Casa de Cultura, mas as baterias descarregavam no meio das gravações, interrompendo as falas dos personagens, muitas vezes em momentos importantes que não conseguimos retomar. Com o cabo quebrado, também não era possível ligar a câmera direto na energia.

A Casa de Cultura não nos forneceu microfone, conforme havia sido previamente reservado pela equipe, não nos foi informado que a casa não possuía o equipamento. Tivemos que gravar com o que conseguimos, que por não ser um microfone direcional, captava também o som ambiente, o que aumentou nosso trabalho na edição.

As escolhas das locações partiu da necessidade de otimizar nosso tempo e concentrar uma quantidade grande de gravações no mesmo dia. Na primeira etapa do documentário, quando o mesmo era produzido para a disciplina do professor Cristiano, fizemos a maior parte das gravações na Reabilitação Profissional do INSS, onde se encontravam parte dos nossos personagens. Íamos onde o entrevistado estivesse. Gravamos também na casa da aposentada, Lourdes, numa sala de aula da Facom, na casa da Ana Amélia e no consultório da fisioterapeuta, Angela.

Na segunda parte da realização do documentário, já como proposta de trabalho de conclusão de curso, como havíamos contratado um cinegrafista que cobraria por diária de gravação, optamos por concentrar o máximo de entrevistas possível no mesmo dia. As entrevistas com Adriana, Dr. Silas e Mário César foram gravadas no mesmo local, mas com cenário diferente para não ficar cansativo para o espectador. Angela, gentilmente cedeu seu consultório para nossa equipe. Com a Sônia, tivemos que gravar em seu local de trabalho, o que nos possibilitou fazer imagens de apoio.

Sentimos necessidade em gravar imagens de apoio com Mário César e Adriana, e marcaríamos para um mesmo dia na Associação dos Cegos e na Escola Municipal Engenheiro André Rebouças, onde Adriana lecionava. Mas estávamos em final de ano, período de férias na maioria

das instituições de ensino. Na Associação dos Cegos e na Escola, não foi diferente. Tivemos que esperar o ano letivo começar. Enquanto isso, tentávamos agendar com o José Tadeu, do Ministério do Trabalho, sem muito sucesso. Os períodos em que tínhamos acesso aos equipamentos disponibilizados pelo curso, não coincidiam com a disponibilidade do entrevistado. Para não perdermos tempo, fazíamos a decupagem das fitas e a reorganização do roteiro, além de darmos sequencia ao blog.

No final de dezembro, de forma triste, perdemos uma de nossas personagens. Adriana sofreu um acidente de carro com a família, e apenas seu filho de 12 anos sobreviveu. Optamos por mantê-la no documentário e fazermos uma homenagem em sua memória, tanto no blog (<http://reabilitacaoprofissional.blogspot.com/2009/12/e-com-profundo-pesar-que-nos-despedimos.html>), quanto no final do vídeo.

Agendamos com Mário César e o gerente da Associação dos Cegos, Sr Lucas, mas não conseguimos fazer as imagens naquela ocasião. Uma semana após perder o pai, nosso personagem foi ao enterro do tio e não pôde comparecer à gravação. As atividades da Associação retornariam somente após o carnaval, por isso, tivemos um dia perdido Marcamos uma nova data, mas Mário César ainda estava muito deprimido por suas perdas, o que ficou perceptível nas imagens que fizemos. Ele já não passou mais a mesma vontade de continuar lutando pela reinserção no mercado de trabalho, como na primeira gravação.

Passado o período de férias escolares, entramos em contato com a Escola Engenheiro André Rebouças e pedimos para fazer imagens das crianças. Haber ficou encarregado de acompanhar as gravações. Resolvemos fazer as imagens desfocadas, por se tratar de menores sem autorização de veiculação de imagem.

3.3 Produção do Blog

O blog "Mundo do Trabalho" é uma ferramenta que auxilia na produção do documentário. A idéia veio da necessidade de oferecer uma resposta aos entrevistados quanto ao andamento do documentário. Através dele, é possível trocar informações com pessoas que trabalham na área, já trabalharam ou ainda, que passaram pelo processo de Reabilitação.

As funções denominadas *gadgets*, possibilitam maior interação com

os visitantes. Entre elas estão datas comemorativas relacionadas ao tema; eventos, como simpósios, encontros, palestras sobre o assunto; cadastro de e-mail, para que os visitantes recebam as atualizações do blog; frases para reflexão, tradutor, para que o blog seja visualizado em outros idiomas, uma vez que já recebemos visitas internacionais, como da Bélgica, Croácia, Portugal, Estados Unidos, França, Canadá, Suíça, Reino Unido, Áustria, Austrália e Japão; lista de sites e blogs que auxilia na pesquisa de informações, dicas de filme e notícias.

A atualização é semanal e permite aos visitantes comentar cada postagem. Para uma interação ainda maior, criamos também perfis no *Twitter* e *Orkut*.

Para acompanharmos o acesso ao blog, fizemos um cadastro no *Google Analytics* que nos apresenta um relatório diário das visitas vindas do país e do mundo.

Desde 20 de setembro de 2009 até o dia 22 de abril de 2010, foram registradas 1.425 visitas de 12 países. No Brasil, observamos 1.392 de 96 cidades, sendo Belo Horizonte, a cidade recordista em acesso.

Desde o primeiro dia de sua criação obtivemos retorno de pessoas de várias partes do Brasil, que participaram com comentários no blog ou por e-mail, parabenizaram a equipe e contaram suas experiências com a Reabilitação Profissional. A primeira foi a reabilitada Fernanda Favier, de São Paulo. Ela conta que desenvolveu *Ler* e *fibromialgia*, ficou afastada por dez anos e após ser reabilitada, foi demitida.

Tivemos contato, também, com uma segurada que foi reabilitada em Juiz de Fora em 1977. Encontramos um poema de Clevane Pessoa de Araújo em uma de nossas fontes bibliográficas de pesquisa, o Trabalho de Estágio de campo de alunas da Faculdade de Serviço Social. O poema conta a trajetória da segurada, escritora, no processo de Reabilitação. Resolvemos postá-lo no blog em homenagem ao dia do Fisioterapeuta e do Terapeuta Ocupacional. Para tanto, localizamos a autora através de um site de busca na internet e pedimos autorização para a postagem. Trocamos alguns e-mails e Clevane Pessoa Araújo contou que militou na imprensa de Juiz de Fora, durante as décadas de 60 e 70, é apaixonada pela escrita, professora e pintora, mas encontrou uma limitação após seu acidente. Ao sofrer uma queda, para proteger a cabeça, fraturou a mão. Atualmente, após ser reabilitada, é psicóloga, ilustradora, conferencista e consultora de assuntos ligados à psicologia.

É autora dos livros "Sombras feitas de luz" e "Asas de água", e foi premiada em vários concursos no Brasil e no exterior.

Nos dias 7 e 8 de dezembro, a Assistente Social, Floriscena Maria Medeiros foi convidada para um evento, realizado pela Fundacentro, Cerest Piracicaba, Escola de Enfermagem da USP e Gerência Executiva do INSS de Piracicaba, com o apoio do Ministério da Previdência Social, Cerest/SP e Senac SP. Tal evento tinha como objetivo apresentar e discutir os modelos de Reabilitação profissional que vêm sendo desenvolvidos em Piracicaba e em outros locais, com a inclusão de fundamentos e aspectos do Modelo de Reabilitação Profissional de Sherbrooke (Canadá).

Posteriormente, a Assistente Social Ana Amélia Dato, personagem do documentário, participou da matéria de capa da Revista Saúde no Trabalho Saut, de São Paulo, edição janeiro/fevereiro de 2010. Devido à sua contribuição significativa com nosso projeto, por meio de depoimentos e indicações de profissionais e reabilitados, Ana Amélia foi indicada pela equipe "Mundo do Trabalho" para ser entrevistada sobre o tema "Reabilitação do acidentado do Trabalho".

A jornalista da editora Cipa, Sueli dos Santos, entrou em contato com a equipe através do blog. Ela pediu para agendar entrevista com profissional que pudesse esclarecer sobre a importância da Reabilitação para o trabalhador afastado.

Na matéria foram abordados aspectos como as políticas sociais que podem favorecer ou inviabilizar o acesso aos direitos dos trabalhadores. Ana Amélia descreve o Programa de Reabilitação Profissional, obstáculos e conquistas. Ela ressalta a importância da motivação do segurado para retornar ao trabalho, bem como do apoio da empresa neste processo.

Segundo Sueli dos Santos em comentário no blog, o tema da reportagem surgiu durante reunião de pauta para a revista. Houve em novembro, o 4º Congresso de Reabilitação Profissional de Acidentados no Trabalho, em São Paulo, onde participaram profissionais da área.

3.4 Edição do documentário

Durante o processo de edição, a equipe teve muita dificuldade em encontrar equipamentos liberados. No período de férias da graduação,

não tínhamos acesso a ilha de edição no turno da noite, nosso horário disponível. Conseguimos nos organizar para fazer a captura das imagens na própria Universidade, e decidimos contratar um profissional para juntos darmos continuidade ao trabalho. Acompanhamos e coordenamos a construção do documentário durante os 13 dias de edição.

Após a finalização do conteúdo histórico da Reabilitação, demos início à construção da abertura, idealizada na primeira proposta de trabalho do grupo. Com a finalidade de ilustrar a rotina de batente no Brasil, escolhemos a música “Trabalhador” do Seu Jorge, cuja letra expressa esta realidade. As imagens inseridas foram gravadas pela própria equipe. A parte técnica é enriquecida pela sonoplastia: pássaros, galo cantando, despertador e barulho de sirene. A primeira imagem, do relógio da Estação Ferroviária de Juiz de Fora, foi cedida pelo cinegrafista, para simular o nascer do sol na cidade. Conseguimos as imagens da Inglaterra no site da *Creative Commons*, que disponibiliza licenças flexíveis e possibilita o uso do material oferecido.

Nosso objetivo era inserir todas as informações mais relevantes de modo a contar a história do Programa de Reabilitação do INSS em Juiz de Fora, sem ficar cansativo, o que foi possível através da continuidade dos depoimentos em forma de diálogo entre os personagens.

Devido ao conteúdo do material gravado, optamos por valorizar todos os entrevistados, não descartando, mesmo as imagens e áudio que não ficaram com a qualidade técnica ideal. Por se tratarem de depoimentos espontâneos de profissionais e reabilitados que viveram intensamente a Reabilitação Profissional, uma nova gravação poderia prejudicar o teor da entrevista, e a intenção de descrever e pontuar a recuperação, a convivência com a doença e os anseios daquele momento. Desta forma, perderíamos a emoção de um primeiro discurso.

Optamos por iniciar o documentário com o depoimento da reabilitada Telcy, devido a sua definição como “uma pessoa no meio da multidão”. A frase, dita por ela, ilustra as pessoas que tiveram que ser afastadas do trabalho e que, por isso, decidiram passar pelo processo reabilitatório. É possível fazer uma analogia desta multidão com um mundo de trabalhadores que perceberam sozinhos ou não, que apesar das dificuldades, eles têm um potencial e uma história, que não podem ser desperdiçados. Eles são capazes e querem mostrar isso.

Para tornar o documentário acessível a todo tipo de público e pro-

mover a inclusão, resolvemos colocar legenda. Como pretendemos inserir o vídeo no blog, escolhemos uma fonte maior (Arial Black, corpo 28).

Construímos o espelho abaixo para nortear a inserção das imagens de apoio:

Áudio	Imagens
<p>Telcy</p> <p>Uma pessoa no meio de uma multidão, com um nome. Pelo meu nome eu consigo me definir, quem sou. Não está só o nome Telcy, mas tem os nomes de família. Então, eu trago dentro do Telcy toda uma história e todo potencial.</p>	<p>Multidão</p> <p>Entrevista</p>
<p>Sônia</p> <p>Eu sou uma pessoa normal, comum. Minha maior qualidade, assim, é a boa vontade, alegria e disposição. Meu maior sonho mesmo, agora, nesse momento é criar as minhas filhas, lindas, maravilhosas.</p>	<p>Entrevista</p>
<p>Mário César</p> <p>Meu sonho é ter uma casa própria, uma família, casar. Poder ter uma vida normal. Padronizar a minha vida igual antes.</p>	<p>Entrevista</p>
<p>Adriana</p> <p>Minha mãe trabalhava numa creche, e eu ia trabalhar com a minha mãe. Nesse andar da carruagem, com 9 anos eu me vi trabalhando. Eu tenho carteira assinada desde os 14 anos e sempre trabalhei com crianças, porque na creche, eu fazia de tudo.</p>	<p>Entrevista</p>
<p>Paulo</p> <p>Claramente, em algumas sociedades, o trabalho é visto como uma ferramenta fundamental para a dignificação humana, uma ferramenta fundamental não só para garantir a subsistência, mas para garantir a percepção de utilidade social daquela vida para a sociedade.</p>	<p>Entrevista</p>

Áudio	Imagens
<p>Ana</p> <p>O direito ao trabalho é um direito de cidadão, então não tem como negar isso a ele. E é difícil nesse momento que, principalmente nesse momento de crise, o mercado de trabalho é mais excludente ainda. A gente enfrenta a questão do preconceito também, o preconceito contra uma pessoa que tem uma deficiência, então, não é mole, não é fácil estar enfrentando isso tudo. Mas esse desafio, eu acho que nos instiga mais.</p>	Entrevista
<p>Paulo</p> <p>(OFF) Trabalhadores são aqueles sujeitos que vão ser utilizados em suas energias vitais para produzir bens essenciais para a sociedade e vão ser minimamente remunerados sobre isso</p> <p>Claramente na nossa sociedade hoje, o trabalho é visto não como um instrumento de libertação, mas como um fardo</p>	<p>Imagens de trabalhadores: homem carregando caixa de verduras, de bebida, água e engraxate</p> <p>Entrevista</p>
<p>Ana</p> <p>É muito comum a pessoa sofrer um acidente, um adoecimento e depois do afastamento ela associar a esse quadro outros quadros emocionais. Principalmente pela questão do não reconhecimento. E depois do afastamento ele associar a esse quadro outros quadros emocionais. Principalmente pela questão do não reconhecimento da empresa pelo adoecimento em função do trabalho. A gente atende muitos casos de doença ocupacional, que não é nada mais do que o corpo fica doente pelo tanto que trabalhou, porque superou os limites do próprio corpo.</p> <p>(OFF) Vários já usaram esse termo: eu me sinto uma laranja, eles me sugaram, me sugaram e agora eu sou um bagaço que sou descartado, sou jogado fora.</p>	<p>Entrevista</p> <p>Imagens da Rita fazendo suco de laranja.</p>

Áudio	Imagens
<p>Telcy</p> <p>Eu fiquei durante muito tempo encostada, passando por perícias médicas e... quatro meses... e aquilo me deixava muito longe dos sonhos que eu tinha de continuar trabalhando, de continuar sendo útil.</p>	Entrevista
<p>Mário Cesar</p> <p>Meu problema veio se agravando quando eu tinha 8 anos. Eu tive ceratocone. Devido a eu usar lente de contato desde os 8 até os 33 anos, veio passando vários problemas, entre eles, o ceratocone foi avançando o problema. Quando eu estava trabalhando na Paraibuna, houve um acidente comigo, que eu cai da máquina. Aí eles pediram para eu fazer uma avaliação nas vistas. Mandaram eu procurar um médico oftalmologista.</p>	Mário Cesar com a bengala encontra uma placa de metal
<p>Sônia</p> <p>Eu era caixa, da caixa, caixa executiva, autenticando o dia inteiro, movimentação repetidamente, muitas e muitas vezes a mesma coisa o dia todo.</p>	Imagens da Caixa, atendimento do caixa e digitação
<p>Adriana</p> <p>Tive o afastamento, foi onde eu conheci o serviço de reabilitação. Até hoje eu ainda faço tratamento. Os meus braços, na época, eles incharam que as minhas mãos não conseguiam fechar.</p>	Entrevista
<p>Silas</p> <p>A Reabilitação profissional depende muito da formação do povo, de forma que aqui no Brasil é uma luta muito maior que nos outros lugares.</p> <p>(OFF) Na Europa sabia-se, nós tínhamos conhecimento, de que na Inglaterra a Reabilitação Profissional era um êxito quase que permanente, porque naturalmente, precisava-se de mão de obra, e mão de obra reabilitada já seria muito bom. Aqui, no Brasil, sobra mão de obra e a competição se torna muito grande, fica muito pior.</p>	Entrevista
	Fotos da Inglaterra, fila de desemprego e carteira de trabalho.

Áudio

Imagens

Lourdes

Houve uma pesquisa na cidade, porque os nossos segurados eram encaminhados para Belo Horizonte. Então, chegou-se a conclusão de que era viável a instalação de um Centro de Reabilitação em Juiz de Fora para atender Juiz de Fora e a Zona de influência. Então, foi criado o Centro de Reabilitação e ele foi inaugurado em setembro de 77, mas já estava funcionando há algum tempo. A gente recebia os segurados vindos do acidente do trabalho, da perícia médica e eles chegavam ao CRP para serem avaliados. Então tinha uma equipe básica que era formada pelo Assistente Social e pelo Médico.

Imagens de Juiz de Fora e Belo Horizonte
Fachada do antigo CRP
Inauguração
Objetivos da terapia ocupacional
Equipe básica

Silas

Na época, nós éramos registrados cerca de 65 profissionais trabalhando na área. Era um tempo inteiramente diferente do nosso de agora, em que se acreditava ainda na reinserção do pessoal no processo de trabalho. Era reabilitar as pessoas que tivessem afastadas por incapacidade de trabalho para voltar ao trabalho.

Foto do Silas
Imagens dos funcionários
Homem trabalhando na oficina
Oficina de Reabilitação Profissional

Lourdes

Eles tinham dentro do CRP o apoio que era feito pela enfermagem, órtese e prótese, psicólogo, fisioterapeuta, terapeuta ocupacional, ensino básico, oficina de marcenaria. E havia ainda o serviço de pesquisa do trabalho, que fazia a parte do contato com as empresas, onde trabalhavam os sociólogos, psicólogos e agentes de colocação.

Imagens dos profissionais atuando

Áudio	Imagens
<p>Ângela</p> <p>No ano de 1980, eu entrei no INSS e fui trabalhar no antigo CRP, Centro de Reabilitação Profissional. Eu fazia a análise da capacidade residual laborativa, hoje é funcionalidade e a análise do potencial laborativo. Ou seja, a partir de uma dada doença do trabalho ou de um traumatismo, você era avaliado, e eu anotava, fazia um laudo, vamos dizer assim, do que o indivíduo tinha de restrição.</p>	Entrevista
<p>Ana</p> <p>Quando eu entrei, em 1984, tinha 7 anos de fundação, no antigo CRP, então era uma fase de muitos recursos, de plena assistência ao segurado e eu fiquei maravilhada. E achei que era um serviço de primeiro mundo, um serviço muito digno. Eram todos profissionais em conjunto, numa atuação interdisciplinar em função da recuperação daquela pessoa.</p>	Foto de profissionais
<p>Rosângela</p> <p>A gente fazia compra de material, quando era indicado, era encaminhado para gente. A gente fazia essa pesquisa de preço, compras e era assim, era uma coisa mais fácil.</p>	Imagens da sala de fisioterapia, bicicletas, aparelhos
<p>Silas</p> <p>A nossa dificuldade maior sempre foi a que nós temos hoje. A inserção ou a reinserção do reabilitado no campo de trabalho. O reabilitado tem uma certa dificuldade e uma das coisas mais importantes para a Reabilitação é exatamente o indivíduo querer ser reabilitado.</p>	Entrevista
<p>Telcy</p> <p>Quando eu ia, eu falava “nossa, hoje vão me dar alta”, que o médico carimbou lá mais quatro meses, eu saí revoltada da sala, eu falei assim “eu não posso”. Eu nem conhecia de leis, eu nem conhecia a Reabilitação, eu não sabia de nada. Eu saí de lá, eu falei assim “eu quero conversar com um advogado, um assistente social”.</p>	Entrevista

Áudio**Imagens**

Sônia

Eu tinha indicação, na verdade, para aposentadoria. O médico perito do INSS falou “olha, nesse momento você vai ter duas opções, ou você volta a trabalhar segunda-feira, no caixa, ou você está aposentada” Eu falei assim “Eu não posso voltar segunda-feira a trabalhar, porque eu não tenho condição, mas também não quero aposentar”. “Mas como não quer aposentar? A maioria eu acho que quer.” “Não, eu não quero. Então o senhor não pode me encaminhar para o CRP, que é o Centro de Reabilitação do INSS?” Ele falou assim “Olha, você tem certeza que é isso que você quer?” “Tenho, é isso que eu quero”. “Então eu vou te encaminhar, vou abrir uma exceção e vou te encaminhar”. Foi assim que eu fui para o CRP para a Reabilitação.

Entrevista

Adriana

Eu fui ao médico da prefeitura, mas ele não falou nada que podia ser uma doença ocupacional. Então aquilo foi se estendendo. E lá no ISAT, me disseram que havia um serviço de Reabilitação. Aí me passaram para o serviço de reabilitação e eu fiquei três anos afastada, mas eu sempre quis voltar a trabalhar.

Entrevista

Tadeu

Eu percebo aqui que o reabilitado, ele tem interesse em voltar ao trabalho. A grande maioria, tem exceções é claro, mas a grande maioria não quer ficar aposentada por invalidez, tentando fazer bico fora, não. Faz parte até de vencer o que aconteceu com ela, ela retornar para o mercado de trabalho, faz parte da dignidade dela. Então, a gente vê, tem pessoas aqui que chegam e pedem: eu quero passar por esse processo, eu quero vencer, eu quero superar, eu quero produzir na vida, eu tenho família, eu tenho filhos para criar, eu não quero ficar na situação que eu estou.

Entrevista

Áudio	Imagens
<p>Fatinha</p> <p>Então, nosso trabalho é resgatar o que ele pode e aí também poder identificar um outro projeto profissional.</p>	Entrevista
<p>Tadeu</p> <p>Já teve caso nessa mesa aqui, do empresário, representante de uma empresa, chegar aqui e falar “não, pode fazer para qualquer coisa, que eu deixo ele lá, ele vai ficando lá, eu pago o salário”. Agora, a vida é só aquele 1 ano? Quando esse profissional terminar a estabilidade, ele vai ser mandado embora, por interesse dessa empresa, ele vai ser mandado embora, e vai para a vida profissional para fazer o quê?</p>	Trabalho autônomo e indigente
<p>Mário Cesar</p> <p>Devido a esse tipo de procedimento a minha vida começou a cair. É como se você pegasse um ônibus no centro da cidade, chegasse no ponto final, e não tivesse mais origem a sua vida. Eu comecei a pensar que a minha vida fosse ficar debilitada em tudo aquilo que eu gostaria de fazer e por uma fatalidade os meus sonhos não fossem mais realizados.</p>	Imagem do ônibus
<p>Fatinha</p> <p>Dependendo dessa empresa e da receptividade dela, de às vezes fazer uma coisa mais legal, dependendo do posto, se a pessoa às vezes tem um nível de escolaridade, você pode propiciar um curso técnico, você pode melhorar o nível de aspiração profissional. Você pode sim ter isso.</p>	Entrevista
<p>Angela</p> <p>Você não está lidando simplesmente com o físico do indivíduo. Você está lidando com o todo. E esse físico, esse físico traumatizado, esse físico adoecido. Ele também está adoecido psico, sócio e economicamente, e a gente tem que resgatá-lo, reabilitá-lo, para trazer de novo para o mercado de trabalho.</p>	Entrevista

Áudio	Imagens
<p>Sônia</p> <p>Assim foi. Passou 1 mês, 2, 6, 8, 10. Fiquei lá 1 ano e meio. Aí, quando chegou o dia de voltar mesmo, foram mais 6 meses em processo assim, vendo qual seria mesmo o serviço que ia dá para fazer, porque caixa, digitação, eu já sabia que não iria ser. Então eu fiquei 6 meses, tudo o que eu via que ia prestar, que ia dá para fazer, eu pedia para colocar na pauta, pedia para colocar. E aí, eles foram tecendo aquilo junto comigo. Então, eu fui muito abençoada em termos de os profissionais estavam acompanhando até ali, eles falavam, é isso que deve fazer, isso vai prejudicar em tal coisa. Foi assim que foi acontecendo.</p>	<p>Sônia na caixa, na gerencia, atendendo</p>
<p>Mário Cesar</p> <p>Foi lá que eu comecei a aprender os meus primeiros passos. Meus primeiros passos, entre eles eu comecei a fazer locomoção, eu comecei a estudar o braile. Eu entrava 8 horas da manhã e não tinha vontade mais de sair de lá.</p>	<p>Associação dos Cegos Locomoção Braile</p>
<p>Adriana</p> <p>A sensação que eu tinha era que eu ia voltar para escola e ficar à toa. E eu tive um acompanhamento muito importante. No primeiro ano, eles iam de 3 em 3 meses. Ia uma pessoa à escola, saber o que estava acontecendo, depois passou de 6 meses, até eu ter ... foi um acompanhamento muito grande.</p>	<p>Crianças</p>
<p>Angela</p> <p>O primeiro esfacelamento da Reabilitação Profissional foi o não tratamento. Não quero dizer com isso que devesse continuar com aquela maquiagem paternalista. Não. Fazer um tratamento correto, fazer uma avaliação correta para que o resto, resto não no sentido de menosprezo, mas para que o resto da equipe pudesse trabalhar, subsidiar a equipe, principalmente o setor de serviço social da Reabilitação.</p>	<p>Entrevista</p>

Áudio	Imagens
<p>Ana</p> <p>Nós saímos do Centro de Reabilitação Profissional, antigo CRP, que era um centro grande, uma unidade grande, completa, com muitos profissionais, tinha suporte para avaliação dos profissionais. Então, na medida em que esse pessoal foi aposentando, não foi sendo substituído, então nós ficamos assim, mais reduzidos, o quadro da equipe técnica ficou mais reduzido.</p>	<p>Entrevista</p>
<p>Angela</p> <p>Com esse esfacelamento do Centro de Reabilitação, não foi só em Juiz de Fora, no Brasil inteiro, a situação da Reabilitação foi fechando, ela estava em processo de esfacelamento, mas foi ficando hermética.</p>	<p>Entrevista</p>
<p>Paulo</p> <p>Do ponto de vista da concepção da reforma, ela se circunscreve a um modelo que estava em voga nos anos 90, vinculado àquilo que veio a ser apelidado de consenso Washington. Ou seja, o grande problema da sociedade latino americana é que tendo um Estado grande demais, perdulário demais, ineficiente demais e que, portanto, reduzir o tamanho do estado implicaria ter um Estado mais enxuto, mais ágil, mais eficiente.</p> <p>(OFF) Obviamente não foi isso que fundamentalmente se produziu, muito pelo contrário, por exemplo, uma série de iniciativas que dependiam do estado não sendo feitas pelo Estado não foram feitas por ninguém. A lógica do mercado não dá conta de resolver muitos desses problemas, e se reduziu enormemente a presença estatal em áreas nas quais ele era a única garantia, o único fiador da seguridade social. Isso claramente teve repercussões, no caso brasileiro, a partir do governo Collor, mas se intensificando a partir do governo Fernando Henrique, num processo de Reforma administrativa tocado fundamentalmente pelo Ministro Bressser Pereira.</p>	<p>Entrevista</p> <p>Fotos da comunidade de Japaratuba, SE Fora Collor</p>

Áudio	Imagens
Ana Outra questão, que a gente não pode deixar de lado, é a questão legal, que a Reabilitação Profissional é prevista na legislação, tem recomendação da OIT, então, tem todo um respaldo legal que não pode ser acabado com a Reabilitação.	Entrevista
Tadeu O reabilitado e o deficiente qualificado, diz a lei, tem o direito à reserva de cotas. As empresas com mais de cem empregados são obrigados a ter uma reserva legal para essas pessoas. Muita gente pensa apenas no deficiente, mas não é. A lei fala “o reabilitado”, inclusive essa cota foi dada no capítulo da Reabilitação, lá da lei da previdência. O reabilitado e o deficiente com qualificação têm direito a essa reserva de vagas.	Lei
Telcy Hoje eu tenho condição de me fundamentar, me aparar nas leis e poder falar para a pessoa para poder procurar os direitos, mostrar para ela quais são os direitos, aí às vezes, quando a pessoa é impedida de alguma coisa por falta de direitos, poder esclarecer o porquê ela não foi contemplada com aqueles recursos.	Entrevista
Ana De modo geral, a nossa maior clientela são trabalhadores que trabalham com as mãos. Então, quem trabalha com as mãos, vê naquilo o seu ganha-pão. Então, na medida em que acontece algum problema com as mãos, fica difícil, fica difícil ele imaginar assim, como é que eu vou produzir sem ser com as minhas mãos?	Trabalhadores braçais, mãos

Áudio	Imagens
<p>Tadeu</p> <p>Por isso, às vezes, tem que haver uma mudança drástica. Eu vejo que na Reabilitação essa mudança passa pela escolaridade sempre. Tem que haver um <i>upgrade</i> na escolaridade e na qualificação profissional. É preciso você sair de um trabalho mais manual para um trabalho intelectual</p>	<p>Cursos, aulas, formatura</p>
<p>Gisele</p> <p>O Projeto psicopedagógico veio em 2000, juntamente com a parceria com a Secretaria Municipal da Educação e com a Universidade Federal de Juiz de Fora. E ele veio para suprir uma carência de pedagogos, porque já em 2000 a gente não contava mais com pedagogo da instituição. Então ele visa nesse primeiro momento, avaliar a capacidade, o nível de escolaridade dele, o potencial de aprendizagem, nesse primeiro momento, e num segundo momento, ele visa acompanhar, fazer um programa de elevação de nível de escolaridade dos segurados já em programa de Reabilitação Profissional.</p>	<p>Secretaria de Educação e UFJF (fachada)</p>
<p>Rosangela</p> <p>Houve um trabalho que eu fazia e achava muito legal, e a gente ainda faz isso, que é a pesquisa de acompanhamento. Hoje eu passei a fazer isso, de uns tempos para cá, não no início, a pesquisa para estar acompanhando o segurado depois do programa, depois que ele passa pelo programa.</p>	<p>Entrevista</p>
<p>Telcy</p> <p>Meu trabalho hoje é um trabalho muito bom, vem respondendo dentro daquilo que eu me propus a fazer, e acho que meu trabalho hoje, ele é importante. Sinto-me realizada, podendo ser útil.</p>	<p>AEPD (fachada)</p>

Áudio**Imagens**

Mário César

Eu vi que tudo se tornou diferente. Eu posso fazer tudo o que eu tenho vontade sim, porém com mais cautela, mais tranquilidade e acima de tudo, com mais responsabilidade. Ou seja, antigamente a gente não tinha noção que eu poderia sair, andar, passear, em qualquer lugar. Hoje eu sei que eu tenho capacidade para fazer isso, para andar onde eu quiser ir.

Mário Cesar no computador e artesanato

Telcy

Não é por causa de uma deficiência adquirida ao longo da existência que eles devem deixar de sentir que eles são seres humanos capazes, normais e que eles vão conseguir chegar aonde eles pensarem que têm que chegar, devem chegar, eles vão conseguir. Você tem que mudar a sua história, é você quem muda a sua história.

Sônia

E aí, no fim você descobre que é possível, que aquilo tudo que você estava acreditando não era só um sonho, que realmente é possível, mas tem que querer. Aí apareceu o meu marido, as minhas filhas, tudo foi depois da Reabilitação, coincidência ou não, mas eu atribuo isso a minha autoestima. Tem 10 anos que eu sou reabilitada.

Sônia atuando como gerente

Adriana

Quando você pega um menino de 12 anos, que não lia nem uma palavra, sabe, que ele consegue escrever o nome dele, ele consegue escrever o nome da mãe dele, é muito bom. A gora, o que mais me motivou foi uma aluna que eu tive, assim que eu retornei da Reabilitação. Uma menina de 14 anos que tinha um déficit de aprendizagem muito grande. Então eu comecei a ficar com ela na parte da manhã. Ela conseguiu ir para o ensino regular, ela saiu de uma sala projeto, aos 14 anos e conseguiu. Depois de 3 anos afastada, voltar e ter isso, para mim foi muito importante.

Imagens da escola, crianças

Áudio	Imagens
<p>Angela</p> <p>É a coisa mais emocionante da Reabilitação. É você passar, como até hoje eu passo em determinados lugares e eles me cumprimentam, esse indivíduo passou por mim, não só por mim, mas passou por mim, por uma equipe e está lá, trabalhando, dando conta da vida dele, e nós conseguimos fazer com que ele tivesse força suficiente, seja ela física, emocional ou social para estar novamente se resgatando como indivíduo.</p>	Entrevista
<p>Ana</p> <p>Dentro desse enfoque que eu falei o que é Reabilitação, de realmente reabilitar cidadãos, eu já consegui. Então, eu tenho essa felicidade. Pelas notícias que me chegam, pelos que me identificam na rua e me deixa muito feliz, saber que eu pude intermediar os recursos a favor deles e eles seguiram a vida deles, construíram família e estão tendo uma vida digna hoje.</p>	Comemoração no CRP
<p>Gisele</p> <p>Quando você vê que uma pessoa que chega aqui desestimulada, há muitos anos em benefício, carente, e a gente consegue devolver para ela um potencial, mostrar para ela, fazê-la passar de uma posição de incapaz, para descobrir, para desabrochar um potencial, eu acho que aí a gente cumpriu o nosso papel, e aí eu acho que vai ter que cortar, porque eu me emocionei.</p>	Entrevista

Conclusão

Ao adotar como desafio o resgate histórico da Reabilitação Profissional em Juiz de Fora e a busca pela valorização do trabalhador, tínhamos claro nosso compromisso ético não apenas com o registro documental de uma história, mas com a veiculação correta e concisa dos fatos.

Através da apuração, pesquisa, levantamento de fontes, contribuição de profissionais, contatos e dedicação da equipe, foi possível construir a narrativa. Desta forma, podemos ressaltar que sem a participação do “outro”, a equipe Mundo do Trabalho não teria inspiração para o começo. Era necessário aliarmos a pesquisa e a produção aos relatos de profissionais que presenciaram o processo reabilitatório iniciado ao final da década de 70.

Conhecer a biografia de pessoas que, apesar de terem suas vidas modificadas por um acidente ou adoecimento, quiseram e conseguiram continuar trabalhando, mesmo com uma política social defasada e um mercado excludente, é sem dúvida um grande aprendizado. As histórias são estímulos. Acreditamos que, embora não tenha sido possível esgotar toda a temática proposta, devido à própria densidade que o tema comporta, a equipe conseguiu solidificar a certeza de que faríamos um trabalho referencial.

A equipe se preocupou em descrever, principalmente ao juizforano, o que é a Reabilitação. Deste modo, mostrar o mundo do trabalho no qual as pessoas idealizam e vivem a e abordar o sonho de um reabilitado que retorna do programa, sua inserção no mercado de trabalho, foi um dos objetivos mais positivos e exemplares. A partir do momento que a gente abraçou a causa de contar a história do reabilitado na cidade, tudo o que a gente assistia, ouvia, lia e produzia era relacionado ao trabalho de conclusão de curso.

Traçar um paralelo, em nossos projetos, entre as perdas e os ganhos dos reabilitados e da Reabilitação, fez com que conseguíssemos mostrar que a vontade do indivíduo de querer se superar e ultrapassar limites físicos e psicológicos é tão importante quanto ter disponível toda uma estrutura, formada por equipamentos, profissionais, psicólogos, assistentes sociais e médicos.

A equipe, mesmo com os obstáculos psico, sócio e econômico não desistiu de empenhar para fazer o melhor trabalho. Como não encontramos nenhum outro material em mídia que retratasse o tema na cidade, nossa proposta era que o material final (documentário e blog) pudesse ser reproduzido como proposta de estudo, e principalmente, como um documento oficial do processo reabilitatório de Juiz de Fora.

A partir da experiência que tivemos com o blog e o documentário, é possível concluir que, quando existem pessoas interessadas em fazer um

bom trabalho, ele acontece. Carinho, afeto, dedicação, responsabilidade e acima de tudo, respeito com o ser humano fazem parte da nossa essência. A troca também é fundamental. Por isso, apesar de todas as dificuldades, acreditamos que no final de tudo, conseguimos ir além de nossos objetivos, e de nossas expectativas. Chegamos ao Japão, à França, Suíça, Canadá, Estados Unidos, e em vários outros países que nem imaginávamos. Mesmo que tenhamos tido acessos ocasionais, breves, o blog foi visto. Noites sem dormir, ônibus perdido, dificuldades de reunião, insistência com entrevistados, bateria fraca (nossa e da câmera), vergonha de pedir para faltar novamente ao trabalho, fazer hora extra para conseguir arcar com as despesas diárias de passagem e da hora técnica do editor/câmera, dores de cabeça, médicos e outros compromissos desmarcados, e muito mais, enfrentamos tudo para que o resultado fosse positivo. Porque quando a gente faz alguma coisa com carinho, a gente não fica esperando ficar livre dela, mas ansiosos para ver a produção final. Que o blog continue após a nossa defesa!

Bibliografia

ADORNO, Theodor W. O Ensaio como forma IN: COHN, Gabriel. *Theodor W. Adorno – Sociologia*. São Paulo, Editora Ática, 1986.

BRASIL. Lei Federal nº 8.213 de 24 de julho de 1991. Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 25 de julho de 1991.

BRIGGS, Mark. *Jornalismo 2.0 Como sobreviver e prosperar Um guia de cultura digital na era da informação*, disponível em http://knightcenter.utexas.edu/Jornalismo_20.pdf, acesso em: 22 set. 2009.

CAMPOS, Flávio de. Roteiro de Cinema e Televisão – *Arte e a técnica de imaginar, perceber e narrar uma estória*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

CHAUÍ, Marilena. *Cidadania Cultural: O direito à cultura*. São Paulo: Editora Fundação Perseu. Abramo, 2006.

- CIMBALISTA, Silmara; RAELLI, Rafael. *Trabalho e personalidade*, disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1735/4436> Acesso em: 25 mar. 2010.
- CARMO, A. A. *Deficiência física: a sociedade brasileira cria, "recupera" e discrimina*. Brasília: Secretaria dos Desportos, 1991.
- CRÔNICA DE UM VERÃO. Direção: MORIN, Edgar, ROUCH, Jean, França: Vídeo Filmes, 1961
- DEJOURS, Christophe. *A loucura do trabalho: estudo da psicopatologia do trabalho*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- HAMPE, Barry. *A idéia do Documentário*, disponível em <http://www.rc.unesp.br/igce/planejamento/nuppag1/A%20ideia%20do%20documentario.pdf>, Acesso em: 25 set. 2009.
- LEAL, Bruno Souza. *A gente se vê por aqui*. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, dezembro 2005.
- LESSA, Dulce Leal; MARINS, Valéria Campos; GUELBERT, Vera Lúcia de Abreu. *Reabilitação Profissional*. Trabalho de Estágio de Campo, apresentado á Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.
- MALINI, Fábio. *O imaterial e o afetivo nas mídias digitais: contribuições de Antônio Negri para os estudos de rede*.
- MATSUO, Miriam. *Acidentado do trabalho. Reabilitação ou exclusão*. Dissertação de Mestrado, USP/FFLCH, São Paulo: FUNDACENTRO, 1998.
- MINISTÈRIO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL. *Reabilitação profissional*. Disponível em: <http://www.previdencia.gov.br/conteudoDinamico.php?id=378> Acesso em 28 jul. 2009.
- MCLUHAN, Marschal. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Trad. Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1969.

O ESCAFANDRO E A BORBOLETA. Direção: SCHNABEL, Julian.
França: Europa filmes: 2008

PRAVATO, Floriscena Maria Medeiros. *Reabilitação Profissional em Juiz de Fora: do empirismo à busca de uma proposta alternativa de pesquisa social*. Trabalho de conclusão de curso apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de especialista em Teorias e Técnicas de Pesquisa Social, ICHL/UFJF, 2001.

SILVA, Renata Maldonado. *Educação e hegemonia*

Teoria Contemporânea do Cinema: Documentário e narrativa ficcional. São Paulo: Editora Senac, 2005

TULARD, Jean. *Dicionário de cinema: os diretores*. Trad. Moacyr Gomes Júnior. Porto Alegre: L&PM, 1996. (material do Zé Luiz)

URP/INSS– Projeto *Suporte técnico-científico às ações coletivas de reabilitação profissional na Unidade de Referência de Reabilitação Profissional* da GXJFR. Convênio celebrado entre Universidade Federal de Juiz de Fora/PROCE/FSS e Unidade de Referência de Reabilitação Profissional do INSS/GEXJFR. 1997-2005.

ZANDONADE, Vanessa; FAGUNDES, Maria Cristina de Jesus. *O vídeo documentário como instrumento de mobilização social* disponível em

<http://bocc.ubi.pt/pag/zandonade-vanessa-video-documentario.html> Acesso em: 23 set. 2009.